

Ensino da relativa padrão do Português Brasileiro para falantes de árabe

Teaching of standard relative clauses from Brazilian Portuguese for Arabic speakers

Bianca Graziela Souza Gomes da Silva*

RESUMO: Este artigo propõe realizar uma análise contrastiva e estudar as estratégias de transferência entre o árabe e o português brasileiro das estruturas de relativização, com o objetivo de promover o aprendizado das relativas do português brasileiro pelos falantes de árabe. Tal aspecto sintático do português brasileiro gera problemas no aprendizado do português como língua estrangeira para os falantes do árabe; dessa maneira, a pesquisa propõe uma reflexão de ensino da estrutura padrão a fim de se evitar a influência da língua materna na língua alvo.

ABSTRACT: The purpose of this article is to produce a contrasting analysis and study of the strategies occurring the transferring between Arabic and Portuguese relativized structures with the objective of promoting the learning of the relatives of the Brazilian Portuguese by Arabic speakers. Such syntactic aspect creates problems during the process of acquisition of Portuguese as foreign language for speakers of Arabic language; thus, the research's purpose is to bring a reflection on the teaching of standard structure, in order to avoid the influence of the mother language upon the target language.

PALAVRAS-CHAVE: Relativas. Português brasileiro para estrangeiros.

KEYWORDS: Relative clauses. Brazilian Portuguese for foreigners.

1. Introdução

O trabalho parte dos estudos sobre as estratégias de relativização do Português Brasileiro (doravante, PB), cuja forma padrão é classificada, na Gramática Tradicional, como oração subordinada adjetiva, e engloba uma reflexão sobre os possíveis problemas que um estudante árabe poderia ter para aprender essas estruturas. Ou seja, desejamos realizar uma análise contrastiva com as relativas da língua árabe, buscando traçar as semelhanças e diferenças entre as duas línguas e analisar o comportamento do estudante de português como língua estrangeira (PLE) diante do contraste.

Constatamos que o que é padrão na gramática da língua árabe é considerado não padrão no português. Assim, a estrutura relativa do árabe padrão é uma estratégia relativa não padrão no PB, a estratégia copiadora, já que, na língua árabe, é gramatical uma sentença relativa com uma cópia, tal como se verifica neste comentário de Cowan (2007, p. 79): *Se o sujeito de uma*

* Professora Doutora da Faculdade de Letras da UFRJ.

oração subordinada de relativo é distinto do nome ou do pronome a que se refere, há de se remeter de novo ao relativo por meio de um pronome pessoal. Tal estrutura, no PB, é considerada uma forma estigmatizada de relativa que, embora já figure na modalidade oral do PB, ainda tende a ser evitada na escrita (SILVA, 2005, 2011; CORREA, 1998). Dessa forma, visamos a provocar uma reflexão sobre o ensino do PB por meio da averiguação do seguinte: o falante do árabe tenderá a reproduzir a cópia do antecedente do relativo quando transferir do seu idioma para o PB?

Este trabalho busca responder qual método pode fornecer a esse estudante condições de se apropriar da relativa padrão, uma estrutura cujo pronome relativo tem caráter anafórico, dispensando a repetição da informação relativizada. Levamos em consideração o comentário de Kassabgy e Hassan (2000) sobre o fato de as relativas serem uma estrutura problemática para estudantes de uma língua estrangeira (“*One of the problematic structures for most foreign-language learners identified by both researchers and teachers is relative clauses*”; KASSABGY; HASSAN, 2000, p. 49). A fim de contribuir com as propostas de ensino do PB para falantes do árabe, desenvolvemos essa pesquisa¹ a partir de um estudo de campo na Universidade de Aswan, no Departamento de Língua Portuguesa, onde se ensina esse idioma para estudantes árabes. A observação de estudantes pode favorecer a análise proposta pela possibilidade de se aplicar, por exemplo, atividades pedagógicas a esses alunos com o objetivo de se colherem materiais desses testes para as conclusões do estudo. A pesquisa de campo com estudantes árabes do PB favorecerá o estudo proposto resultando em apontamentos mais consistentes para o ensino desse aspecto sintático do PB aos falantes do árabe. Neste trabalho, apresentaremos conclusões preliminares da pesquisa com uma das turmas do departamento.

2. Relativas no árabe e no português

Por orações relativas do português, entendem-se as três estruturas a seguir:

- **Estratégia padrão ou canônica:**

Os meninos *que chegaram* devem fazer o trabalho. (Sujeito)

Os meninos *que vi* devem fazer o trabalho. (Objeto Direto)

Os meninos *de que gosto* devem fazer o trabalho. (Sintagma Preposicionado)

² Essa pesquisa foi desenvolvida no estágio de pós-doutoramento na Universidade de Aswan no ano letivo de setembro de 2015 à maio de 2016.

- **Estratégia cortadora:**

Os meninos *que gosto* devem fazer o trabalho. (Sintagma Preposicionado)

- **Estratégia copiadora:**

Os meninos *que vi eles* devem fazer o trabalho. (Objeto Direto)

Os meninos *que gosto deles* devem fazer o trabalho. (Sintagma Preposicionado)

A estratégia copiadora, estrutura que reproduz na cláusula relativa uma cópia do antecedente da forma *que*, é o alvo deste estudo contrastivo com a língua árabe. Azeredo (2010), em comparação com o uso escrito padrão, no qual diz existirem variedades de formas relativas precedidas ou não de preposição, apresenta o emprego quase exclusivo da forma *que*, na fala espontânea, nas variedades populares da língua e na escrita de pessoas com baixa escolarização. Segundo ele, esse item tende a perder, conforme apregoa Bechara (1999, 2006), sua condição de forma anafórica, ou, como o autor emprega, forma substituta de um antecedente, para se tornar puramente um conectivo. Argumentando se tratar de um uso “que já migrou definitivamente para a escrita menos formal”, Azeredo (2010, p. 317) cita exemplos de trechos de gêneros textuais mais informais em que essas estruturas estão vigorando, a crônica jornalística e a literatura memorialística:

(1) “... tive vontade de escrever sobre um gigante (...) Um gigante que fazia coisas terríveis que me amedrontaram mas **que** eu gostava **dele** porque, no final de tudo, ele sempre tirava de um alforje de couro um brinquedo...” [CINY, C. H. 1995, p. 110]

(2) “Há circunstâncias da vida **que** só quando passam nos perguntamos como foi possível conviver **com elas**.” [Rosiska D. de Oliveira. *O Globo*, 27/7/2008]

Os itens “dele” e “com elas” são cópias, elementos que repetem *um gigante* e *circunstâncias da vida*, referentes do relativo². Uma possível reescrita para essas estruturas são, respectivamente, *Um gigante que fazia coisas terríveis que me amedrontaram, mas um gigante*

³ Neste trabalho, consideramos “Copiadora” a retomada do termo relativizado por pronome ou sintagma nominal, diferente de alguns autores que distinguem as copiadoras que copiam alguns traços do termo relativizado (gênero, número e pessoa) das copiadoras que são a repetição inteira do nome (como SALLES, 2007).

de que eu gostava e Há circunstâncias da vida com as quais nos perguntamos como foi possível conviver.

Em 2005, ao contrastar a presença da cópia (ou emprego do pronome anafórico) *versus* a sua ausência, tínhamos como um dos objetivos discutir se a repetição pela cópia do sintagma nominal antecedente poderia estar associada ao esvaziamento ou desbotamento semântico sofrido pelo pronome relativo QUE, pois defendíamos que o relativo perdera (ou está perdendo) seu caráter anafórico e se tornando uma mera partícula conectiva ou um complementizador, segundo Tarallo (1983).

Os exemplos que se seguem são do *corpus* estudado nessa pesquisa – Grupo de Estudos Discurso & Gramática/UFRJ, do acervo “A língua falada e escrita da cidade do Rio de Janeiro”.

(2) ...é um lugar pequeno **que não tem muito o que dizer dele [do qual não se tem muito o que dizer]** (Parte oral, descrição de local, p.9)

(4) ...e agora essa mulher que eu... **que eu morei com ela...** quer que eu volte. [com a qual eu morei] (Parte oral, narrativa de experiência pessoal, p. 1)

Nosso interesse, como já exposto, é realizar uma análise contrastiva com as relativas da língua árabe, buscando traçar as semelhanças e diferenças entre as línguas e provocar a reflexão sobre o comportamento do aluno de português (LE) diante do contraste. Nas orações com relativos, em árabe, um pronome deve preencher o espaço do referente caso ele não seja o próprio sujeito do verbo, isto é, faz-se necessário um pronome cópia para retomar a informação dentro da sentença relativa quando a função sintática do referente não for a de sujeito. Assim, na língua árabe, é gramatical uma sentença relativa com uma cópia. Observemos o exemplo:

(5) MaHmu:d huwa aS-Sadi:q **al-ladhi: atakallam ma'ahu** ‘an kul shay’:
Lit³.: MaHmud é o amigo **que eu falo com ele** sobre todas as coisas.

Como podemos observar, a tradução literal da sentença árabe gera uma estratégia copiadora no português, construção não contemplada pela gramática tradicional e que, segundo os estudos recentes, ainda é alvo de estigma pelos falantes muito escolarizados, embora já seja usada na fala e até na escrita dos falantes brasileiros (SILVA, 2005). No exemplo (5), teríamos

³ Literalmente.

como correspondente na estratégia padrão a estrutura (6) *MaHmud é o amigo com quem falo sobre todas as coisas*.

Assim, no português, a motivação da cópia na estrutura relativa parece ser a necessidade de tornar mais claro o enunciado, evitar duplo sentido, por conta do esvaziamento semântico do relativo (SILVA, 2005), enquanto, no árabe, a cópia é própria da estrutura gramatical da língua. No entanto, se considerarmos que ela só é regra quando o termo descrito pela oração relativa não for o próprio sujeito dessa oração, pode-se pensar também numa necessidade discursiva. Quando o tópico descrito é o próprio sujeito da oração relativa, o verbo dessa oração estará marcado por desinência que permita o leitor/interlocutor compreender o enunciado, como em (7) *O homem que golpeou MuHammad*, em árabe *ar-rajulul-ladhi: Daraba MuHammad*; “Daraba” está na terceira pessoa – masculino⁴ – singular, indicando a concordância com o tópico “O homem”. Se, no entanto, tivéssemos (8) *O homem que mataram*, em que o sujeito do verbo da relativa não é o tópico “O homem” (eles mataram), em árabe, seria necessário o pronome cópia, como em *ar-rajulul-ladhi: qatalu:hu*, em que a sílaba final “hu” é o pronome árabe masculino-singular que repete o referente “O homem”, cuja função na cláusula relativa é de objeto direto (“O homem que mataram *ele*”). Observemos outro exemplo a seguir:

(9) Hum az-zumala: *'ladhina a' rifuhum* minal-‘amal
Lit.: Eles são os colegas *que eu conheço eles* do trabalho

(10) Tradução: Eles são os colegas que conheço do trabalho.

Segundo Lope Branch (1984, apud BRUCART, 1999), o relativo perde o valor propriamente pronominal conservando-se como simples marca de subordinação e, por conta disso, a relação anafórica com o antecedente se faz por intermédio de outro morfema, ou seja, torna-se necessário o emprego de outro pronome dentro da subordinada o qual represente a função que deveria corresponder ao relativo na variante normativa. Resumindo, teríamos:

Em português: (11) O pai *que o filho dele* – relativa copiadora (estrutura não padrão)

Em árabe: (12) al- ualid *alladhi ibnuhu* – estrutura padrão

⁴ O verbo árabe é flexionado em número, pessoa e gênero.

As formas *dele* e *hu* são, no português e no árabe, respectivamente, cópias do antecedente do relativo. Porém, só no árabe essa repetição é gramatical. No português, é uma construção não padrão e, neste caso, caberá uma reflexão por parte do aluno árabe que aprende essa língua como LE, pois, se a cópia for reproduzida na transferência, devido à influência da construção árabe, o estudante estará produzindo uma estrutura ainda muito estigmatizada e evitada em situações formais de fala.

Assim, entendemos que uma proposta de ensino de português para falantes de árabe deverá perpassar por questões sintáticas dessa natureza, partindo de reflexões sobre as similaridades e os contrastes dos dois idiomas envolvidos com o objetivo de promover metodologias que facilitem a aprendizagem do português.

A influência na transferência da relativa árabe para a copiadora pode ser relacionada à perspectiva de Durão (1999), o qual estabelece que o interesse da linguística contrastiva recai nos efeitos que as diferenças e semelhanças existentes entre a estrutura da língua materna e da língua alvo produzem na aprendizagem da LE. Na construção de uma sentença relativa padrão em português, o aluno árabe terá facilidade de excluir a cópia a fim de construir uma oração relativa padrão? Passemos para a análise dos exercícios e as conclusões a que se pôde chegar com eles.

3. Ensino da relativa padrão do português aos estudantes árabes – descrição

Em 2007, foi lançado o livro *Português para falantes de árabe*, como resultado de um curso de especialização em Língua Árabe na Faculdade de Letras da UFRJ. Nesse material, fizemos uma primeira tentativa de ensinar português a esses estudantes e, a partir dele, propusemos uma reflexão, por exemplo, no ensino das relativas. Naquele momento, já houve uma indicação sobre a “fala coloquial” no português, que tende a suprimir as preposições que antecedem ao pronome relativo como em (13) *Essa é a escola que estudo* no lugar de (14) *Essa é a escola em que estudo* (VARGENS et al, p.142). No entanto, não há um aprofundamento no assunto que promoveria no aluno condições de aprender a usar as duas estratégias do português – a padrão (forma preposicionada) e a não padrão (forma com o “corte” da preposição) – na perspectiva da consideração do contexto linguístico para a escolha das formas concorrentes no sistema.

Não observamos também os estudos das construções de relativização no que se refere às diferenças entre as formas não padrão, a copiadora e a cortadora. No exemplo apresentado

anteriormente, trata-se, no português, da estratégia cortadora, estrutura que não usa a preposição exigida pelo verbo da oração relativa ((13) *Essa é a escola que estudo*). No que diz respeito ao árabe, essa construção geraria o uso de um pronome cópia, pois o verbo da oração relativa, *estudar*, apresenta um sujeito diferente do referente do pronome relativo, *escola*. Teríamos, em árabe, uma construção do tipo (15) *Essa é a escola que eu estudo nela*, com a combinação da preposição “em” com a forma “ela”; claramente uma estrutura copiadora. Nos exercícios sobre essa seção, que discute sobre os pronomes relativos do PB, há duas frases em árabe que devem ser traduzidas literalmente da seguinte forma:

(16) *Fatima é a moça que o pai dela foi médico naquele hospital.* (VARGENS *et al*, p.145, exercício 2, frase 3).

Forma padrão: *Fátima é a moça cujo pai foi médico naquele hospital.*

(17) *A casa que eu moro nela é branca* (VARGENS *et al*, p.145, exercício 2, frase 5).

Forma padrão: *A casa onde/em que moro é branca.*

Queríamos testar se os alunos seriam capazes de produzir as formas padrão depois de terem sido apresentados às estruturas relativas e aos pronomes. O objetivo era ensinar a forma padrão e, depois de assimilada, mostrar aos estudantes que, no Brasil, na fala cotidiana, é comum o uso das orações cortadoras e copiadoras. Sabe-se que a intervenção do professor no uso do método é imprescindível, assim, buscávamos verificar qual seria a tendência dos estudantes:

A- Reproduzir estruturas relativas com cópias que correspondem à tradução literal do árabe para o português, como resultado da influência daquele idioma neste.

B- Como estudantes de PB como LE, os alunos poderiam aprender a usar a forma padrão, já que não tiveram contato com as estruturas não padrão do português brasileiro como os nativos. No caso destes, usam as estratégias copiadoras e cortadoras desde o primeiro contato com o português e, muitas vezes, só entram em contato com a forma relativa padrão na escola. Ainda assim, como apontam os estudos, os estudantes permanecem optando pela estratégia cortadora, a forma preferida nos contextos de sintagma preposicionado (TARALLO, 1983; CORRÊA, 1998; SILVA, 2005).

Desejamos refletir, a partir da pesquisa de campo, sobre algumas questões, a saber: (1) É possível ao estrangeiro aprender a oração relativa padrão do português? (2) O que, de fato, o professor deve apresentar ao aluno árabe, só a relativa padrão ou a existência de um sistema tríplice de relativas (relativa padrão, relativa copiadora, relativa cortadora)? (3) Qual é a melhor maneira de se ensinarem as construções relativas? E (4) O que um material didático sobre as relativas deve apresentar? Outras questões estariam também envolvidas, tais como o ensino do pronome *cujo*, forma que tem sido apontada como quase inexistente na fala e de uso pouco frequente na escrita (SILVA, 2005; CORREA, 1998). Na mesma página de exercícios mencionada acima, há uma atividade que sugere que o aluno aponte o pronome *cujo* como adequado para preencher a lacuna da frase (18) *Este é o aluno _____ pai não compareceu à reunião* (cujo pai). Caberia uma reflexão sobre a possibilidade de o aluno árabe conhecer também a forma (19) *Este é o aluno que o pai dele não compareceu à reunião*, estrutura possível e comum na fala cotidiana? Consideramos relevante a presente pesquisa por se tratar de reflexões sobre o ensino-aprendizagem de uma língua, que apresenta vários aspectos de variação, a falantes de árabe, um idioma de gramática com profundas diferenças do PB. Em 2005, nossa pesquisa apresentou o resultado de testes com as construções relativas indicando que, uma vez esclarecido o sistema de três estruturas possíveis, a padrão, a copiadora e a cortadora, o aluno produz a padrão, alvo do estudo do português na escola, com mais eficácia. No primeiro momento dos testes, eles produziram estruturas a partir das aulas tradicionais das orações subordinadas adjetivas; o resultado foi a preferência pelas estruturas não padrão. Um resultado mais satisfatório só foi possível depois que os estudantes foram conscientizados de que havia a possibilidade de produção de formas não padrão, mas que o uso da preposição era algo recomendado pela gramática da língua e, portanto, o alvo da aprendizagem da referida oração na escola. Nesta pesquisa, com falantes de árabe, uma vez que os alunos não conhecem nenhuma das formas relativas do português, entendemos que a melhor estratégia é ensinar a relativa padrão para verificação da aprendizagem, pois, neste caso, não haveria influência das formas não padrão do português, como acontece com os falantes brasileiros. A menção às estruturas não padrão ficaria para um momento posterior de estudo mais avançado.

Usamos os exercícios de transferência mencionados para averiguar a assimilação da relativa padrão depois das aulas de ensino do pronome relativo. O material didático usado para ensinar as formas foi o livro FALAR, LER E ESCREVER o português, livro adotado no curso

de português do departamento de Língua Portuguesa da Universidade. A seguir, mostramos os resultados da pesquisa.

4. Ensino da relativa padrão do português aos estudantes árabes – resultados das ações

A pesquisa foi realizada com o segundo ano do curso de Graduação em Português da Faculdade de Idiomas e Tradução da Universidade de Aswan, no Egito. Trata-se de oito meninas entre 18 e 19 anos, que começaram a estudar português nesse curso em setembro de 2014 e, em setembro de 2015, iniciaram o terceiro semestre do segundo ano letivo.

Os pronomes relativos constam da Lição 12 do livro *Falar, Ler e Escrever Português: um curso para estrangeiros*. O material apresenta os pronomes em dois tópicos: os invariáveis, *que, quem e onde* e os variáveis, *o qual e cujo*.

Realizamos com as alunas a sequência didática “Pronomes Relativos” sugerida pelo livro. No primeiro dia, aplicamos o estudo “Pronomes relativos invariáveis”. Apresentamos a definição de pronome relativo e mostramos um exemplo na língua árabe para apontar a coincidência de função nos dois idiomas. O exemplo foi (20) ‘*arifu ar-rajul alladhi dhahaba ila baitiki*, “Conheço o homem que foi a tua casa”, em que “alladhi” é o pronome relativo. Listamos os pronomes relativos em árabe que correspondiam às formas em estudo. Depois da primeira sequência de exercícios com *que*, que consistia em unir duas orações, com os quais não houve problemas de aprendizagem, seguimos para explicar a forma *quem*, apontada pelo livro como um pronome sempre acompanhado de preposição. Neste momento, enfatizamos o uso da preposição antes do pronome relativo e a maneira como ela se desloca na construção dessa estrutura. A sequência didática do livro apresentava dois exercícios iniciados por frases de exemplo. Nas duas atividades, havia o apontamento da preposição necessária (p.156):

Atividade A: (21) (trabalhar com) O diretor ____ trabalho nunca está contente.

Atividade B: (22) A moça estava ocupada. Ela pediu uma informação para *a moça*.

Na atividade A, exemplo (21), a regência do verbo *trabalhar* é apresentada antes da frase (“trabalhar com”). Na atividade B, exemplo (22), a preposição a ser usada acompanhava a palavra a ser relativizada, *a moça* que, no exercício, estava demarcada. Dessa maneira, observamos que as estudantes foram realizando os exercícios sem apresentar problemas na compreensão. A frase (22) não é a primeira do exercício. Antes dela, há três que apresentam

uma gradação de dificuldade: a número (1) é exemplo; a (2) *O rapaz de quem eu _____*, para completar a partir do verbo; a (3) *Os tios com _____*, para completar a partir do pronome. Assim, só a partir da quarta frase, as alunas deveriam identificar a preposição exigida pelo verbo. Das quatorze frases, tivemos apenas duas construções em que duas estudantes responderam inadequadamente, uma com a expressão “para a quem”, na qual a aluna mantém o artigo antes do substantivo. A outra foi a estrutura (23) *João e Maria a quem casaram-se hoje desejamos muitas felicidades*, em vez de (24) *João e Maria a quem desejamos muitas felicidades casaram-se hoje*. Para fechar essa sequência, introduzimos o pronome “onde”. As alunas tiveram uma clara compreensão sobre a indicação do lugar para uso desse pronome. Isso pode se dever ao fato de haver, no árabe, uma partícula que expressa essa ideia, a palavra “Haithu”. Porém, na sequência de quinze frases para conectar a estrutura relativa à oração principal, houve alguns equívocos por começarem pela segunda oração ao invés de pela primeira:

(25) Eu guardei todas as fotografias nas caixas onde ela pôs no armário.
Em vez de: Ela pôs as caixas onde eu guardei todas as fotografias no armário.

(26) O escritório é grande e claro onde trabalho.

(27) Trabalho onde o escritório é grande e claro.
Em vez de: O escritório onde trabalho é grande e claro.

Talvez a confusão, no caso de (25) deva-se ao fato de haver, na oração, duas informações de lugar, *caixas*, onde se guardaram as fotografias, e *armário*, onde se guardaram as caixas. Nos exemplos seguintes, também percebemos construções que não correspondem à união adequada das orações propostas, mas notamos que, ainda assim, houve a compreensão da informação de “lugar” do pronome *onde*. Em (27) a questão é o afastamento do termo antecedente *escritório*. Fizemos uma pausa depois desses equívocos para chamar a atenção ao antecedente do pronome relativo, à necessidade de a oração encabeçada pelo relativo vir logo após o termo antecedente.

No segundo dia, a aula foi iniciada com uma revisão dos pronomes invariáveis e com um reforço sobre a preposição necessária antes do relativo. Isso era necessário porque a nova sequência didática sobre os relativos variáveis, primeiramente *o qual*, *a qual*, *os quais* e *as quais*, apresentava como primeira atividade um exercício em que se deveria substituir os relativos invariáveis pelos variáveis, como no exemplo (28) *O livro de que falo recebeu um prêmio* por (29) *O livro do qual falo recebeu um prêmio*. Todas as estudantes acertaram a

substituição. A segunda atividade era com o relativo *cujo*. Foi apontada para as alunas a ideia de posse expressa pelo relativo, entre o antecedente do pronome e o termo a ele relacionado na cláusula relativa. Em todas as frases, as alunas usaram o pronome realizando a concordância adequada; em um caso apenas, houve a repetição do termo relativizado dentro da oração relativa: (30) *O carro cuja placa do carro era de Porto Alegre estava estacionado ali há vários dias* (em vez de: “cuja placa era de Porto Alegre”). Tendo se encerrado a sequência do livro didático, propusemos a realização de outras quatro pequenas atividades. As duas primeiras foram retiradas do livro Português para falantes de árabe (VARGENS et alii., 2007). O primeiro consistia em um exercício de marcar “X” na forma relativa adequada:

Quadro 1 – Frases do Exercício.

Frases do exercício	Correto	Errado
Este é o rapaz ____ admiro. () a quem () onde () a cujo	8 a quem.	
Esta é a casa ____ moro. () que () onde () em cuja	8 onde.	
Este é o aluno ____ pai não compareceu à reunião. () cujo () quem () onde	7 cujo;	1 quem.
Tenho um namorado ____ sou apaixonada. () por quem () quem () no qual	4 por quem;	3 quem; 1 no qual.
Total	27 acertos	5 erros

Fonte: adaptado de Vargens (2007).

Os vinte e sete (contra cinco erros) nessa atividade não eram suficientes para que conclusões sobre a aprendizagem das formas relativas fossem realizadas, uma vez que se tratava de exercício de escolha de formas. Por esse motivo, propusemos exercícios com gradação de dificuldade a fim de chegarmos, aos poucos, às conclusões desta pesquisa. O segundo exercício tratava de uma tradução para o português de frases na língua árabe. Duas delas (das cinco), mencionadas no início desta seção, interessavam-nos mais por serem construções com cópias em árabe. O objetivo era verificar se as alunas produziriam a forma padrão, à qual foram apresentadas, ou tenderiam a utilizar a cópia, por influência do árabe. As traduções literais das orações são: (16) *Fatima é a moça que o pai dela foi médico naquele hospital*, cuja forma padrão é *Fátima é a moça cujo pai foi médico naquele hospital* e (17) *A casa que eu moro nela é branca*, cuja forma padrão é *A casa onde/em que moro é branca*. As outras três orações para tradução gerariam estruturas relativas com o pronome *que*, sem a necessidade de preposição. Os resultados foram os seguintes:

Quadro 2 – Frases traduzidas.

(16)	cujo pai	4 alunas
	que seu pai	2 alunas
	quem seu pai	2 alunas
(17)	onde moro	8 alunas

Fonte: produzido pela autora.

Devido a ênfase à ideia expressa pelo relativo *onde*, houve duas alunas que apresentaram duas respostas, uma com *onde*, registrada na tabela acima, e outra com *em que*. No caso de *cujo*, metade das alunas utilizou a variante padrão e a outra metade produziu a cópia *seu pai* (em vez de *cujo pai*), uma estrutura muito comum, que concorre com *que o pai dela*, no falar cotidiano do PB. Observamos, ainda, que duas delas, no entanto, produziram a cópia com o pronome *quem*, uma interferência do conceito de “pessoa” associado a este pronome.

As últimas atividades foram escritas no quadro. Uma tratava-se de um exercício de completar lacunas, com cinco frases e, o outro, da sugestão de um pequeno texto usando os relativos. Apresentamos, a seguir, o exercício e o resultado:

Quadro 3 – Exercício.

Frases do exercício	Correto	Errado
F1: O senhor ___ te falei é o pai de Pedro.		2 com quem; 3 que 3 quem
F2: O café ___ costumamos ir chama-se “Mar e Sol”.	2 para que; 6 onde	—
F3: O rapaz ___ a Ana se apaixonou estuda medicina.	—	3 de quem 1 com quem; 1 para quem; 2 o qual; 1 cuja.
F4: O senhor ___ falei é meu professor.	2 com quem; 2 com que 1 para quem	1 quem; 2 que
Total	13 acertos	19 erros

Fonte: elaborado pela autora.

Na F1, as alunas tenderam a usar a forma *quem*, por se tratar de referente *pessoa* (“o senhor”), mas não marcaram a preposição “sobre” (*O senhor sobre quem te falei é o pai de Pedro*), talvez por ser uma forma ainda não muito explorada nas aulas, como as preposições *de*, *com* e *para*; tenderam também a marcar o relativo *onde* porque, na F2, o referente é *lugar* (“café”). Consideramos o relativo *onde* uma forma aceitável para a lacuna, ainda que se trate de contexto com verbo de movimento (“costumamos *ir*”), pelo fato de as alunas interpretarem “costumamos ir no café”, local onde costumamos ir; elas não poderiam usar *para onde*, por não conhecerem a regência. Em F3, observamos que, mesmo que nenhuma delas tenha registrado a

forma *por quem*, exigida pelo verbo “apaixonar-se por”, cinco delas perceberam a necessidade do uso de *quem* antecedido por preposição. Usaram *de quem*, *com quem* e *para quem*. Trata-se, neste caso, de um problema com a regência do verbo, de uso não tão comum para as alunas. No exercício anterior, de completar a lacuna da frase *Tenho um namorado __ sou apaixonada*, havia alternativas de respostas permitindo que chegassem a *por quem*. Diferente do verbo “falar”, cuja regência é mais conhecida; assim, usaram *com quem falamos*, *com que falamos* e *para quem falamos* (F4).

A última atividade foi a redação de um pequeno texto, com tema livre e uso de formas relativas. Neste caso, as alunas criariam as estruturas sem contexto de exercício. Os resultados estão registrados no quadro abaixo:

Quadro 4 – Formas relativas usadas pelos alunos.

Estudantes	Orações relativas padrão	Orações relativas com inadequação
Aluna 1	5 <i>que</i> ; 1 <i>onde</i>	1 <i>onde</i>
Aluna 2	3 <i>que</i> ; 1 <i>cujo</i> ;	
Aluna 3		1 <i>quem</i> / 1 <i>que</i> /1 <i>cujo</i>
Aluna 4	1 <i>onde</i>	3 <i>quem</i> (1 <i>para que</i> ; 1 <i>com quem</i> ; 1 <i>quem</i>)
Aluna 5	1 <i>cujo</i> ; 1 <i>quem</i>	
Aluna 6	2 <i>onde</i> ; 1 <i>as quais</i>	1 <i>cuja</i>
Aluna 7	1 <i>que</i> ; 1 <i>onde</i> ; 1 <i>com quem</i>	1 <i>em que</i>
Aluna 8	1 <i>em que</i> ; 1 <i>com que</i> 1 <i>onde</i> ; 1 <i>cujo</i>	1 <i>onde</i>
Total	23 orações relativas padrão	10 estruturas com inadequação

Fonte: elaborada pela autora.

Das 33 formas relativas criadas pelas alunas, 23 foram consideradas adequadas. Dentre elas, destacamos formas complexas com *cujo* e *com quem*. A aluna 1 produziu cinco orações relativas com *que*, seguida da forma verbal *é*, como (31) *viajei para minha cidade que é no norte do Egito*, muito comuns em trechos descritivos em narrações. Das orações com o relativo *onde*, uma era contexto de uso de *que*, mas a aluna interpretou que deveria usar aquele relativo por ser “casa” o antecedente do pronome: (32) *Minha casa onde é bonita*. (Em vez de *Minha casa que é bonita*). A relativa da aluna 2, com *cujo*, foi produzida sem apresentar problema na construção (33) *depois nós fomos ao restaurante cuja pizza é muito gostosa, nós comemos muito*. A aluna 3 produziu três orações relativas; no entanto, diferente das demais, em todas, apresentou problemas de construção:

(34) Eu encontrei diretor do museu Luxor *quem* é um homem simpático. (em vez de *que é*)

(35) Eu passei muito tempo *o que* estive bonita. (em vez de *em que estive bonita*)

(36) O celular *cuja* minha amiga quebrou. Ela ficou triste. (a primeira oração é um período simples)

A aluna 4 apresentou um perfil parecido com o da 3, pois usou o pronome *quem* em estruturas que não eram orações relativas e, na frase (37) *Mas eu não quero deixar minhas amigas quem eu gosto muito*, não marcou a preposição *de* exigida pelo verbo “gostar”. Reproduzimos, a seguir, o texto apresentado pela aluna 5:

(38) “Meu pai chama-se Mamsouh. O pai *cujo* trabalho toma muito tempo é difícil. Ele *com quem me falei* está sempre nervoso. seu irmão viajei.”

Não houve problemas no uso dos relativos *cujo* e *quem*, ainda que notemos a troca do pronome *eu* por *me*, a letra minúscula iniciando o quarto período e o uso de “viaquei” por “viajou”. A aluna 6 produziu a seguinte forma com *cujo*: (39) *Viu Nada cuja irmã da minha amiga* (em vez de *que é irmã da minha amiga*). Parece que a aluna foi influenciada pela ideia de posse sugerida pela expressão *irmã da minha amiga*, uma tentativa de corresponder à informação apreendida sobre o pronome *cujo* (relação de posse). Com a aluna 7, houve um exemplo de *em que*, em contexto de *que*, como (40) *Meu irmão tem 19 anos, ele vai para a escola em que fica ao lado de casa*. Talvez tenha pensado no relativo *onde* e substituído por *em que* por conhecer essa possibilidade. A última aluna, aluna 8, produziu 4 estruturas relativas diversificando os pronomes. A forma com pronome *cujo* foi considerada adequada, mesmo com uma impropriedade léxica (“personagens”, por “personalidade”), gerada, provavelmente, pela falta de vocabulário da aluna: (41) *As professoras cujas personagens é muito amável nos ensinam muitas coisas novas*. Apresentamos, a seguir, um exemplo das orações relativas padrão de cada aluna, com exceção da 3, que só produziu formas sem sentido.

Aluna 1: (42) Eu saio com minhas amigas para café *onde costumamos ir* chama-se “Lamor”.

Aluna 2: (33) *depois* nós fomos ao restaurante *cuja* pizza é muito gostosa, nós comemos muito. (frase mencionada acima)

Aluna 4: (43) Eu vou viajar para o Cairo *onde eu moro*.

Aluna 5: (38) O pai *cujo trabalho toma muito tempo* é difícil. (frase mencionada acima)

Aluna 6: (44) Minhas amigas *com as quais encontrou* fomos cansadas.

Aluna 7: (45) Meu pequeno irmão *com quem sempre falo* está muito simpático.

Aluna 8: (46) O Departamento *em que estudo* é muito interessante.

Notamos que a aluna 1 aproveitou em seu texto parte da oração do exercício de lacunas, adaptando-a. Dessa maneira, faltou separar com pontuação a oração “chama-se ‘Lamor’”, já que criou outra oração principal.

De um modo geral, consideramos, a partir do resultado dos exercícios, que as estudantes assimilaram o conteúdo de orações relativas. Percebemos que, quando houve problemas no uso dos pronomes, estes estavam relacionados à assimilação de informações, que para elas foram passadas como essenciais para a aprendizagem dessas formas, como a questão das informações de “lugar”, “pessoa” e “posse” para os relativos *onde*, *quem* e *cujo*, respectivamente. Apresentamos, a seguir, as conclusões gerais sobre a pesquisa.

5. Considerações Finais

Com o estudo contrastivo das relativas do português e do árabe relacionado à pesquisa realizada com as primeiras alunas de graduação em língua portuguesa no mundo árabe, visávamos a analisar qual seria a tendência de estudantes de PB falantes de árabe no que tange ao uso das estruturas relativas do português. Queríamos saber se tenderiam a usar a estrutura copiadora, influenciados pela língua materna, ou se as alunas se apegariam à forma da estrutura relativa do português, sem a influência da L1 (ELLIS, 1994).

Como se pôde observar, as estudantes, em alguns momentos, reproduziram uma estrutura de cópia similar às formas comuns no falar cotidiano dos brasileiros, do tipo (27) *Fátima é a moça que o pai dela foi médico naquele hospital*; especificamente metade delas (quatro alunas). No entanto, a outra metade usou o pronome *cujo* (*Fátima é a moça cujo pai foi médico naquele hospital*) e todas as oito usaram o relativo *onde* evitando a tradução literal “moro nela” da oração árabe *askun fihi* em *A casa onde/em que moro é branca*. Na produção livre, as alunas foram capazes de construir orações relativas sem se remeter à cópia, estrutura da L1.

Consideramos que este resultado aponta para a possibilidade de falantes do árabe se apegarem à estrutura relativa do português sem a interferência da L1, quando, no ensino dessas estruturas, forem consideradas as seguintes questões didáticas:

- 1) Ênfase no antecedente do relativo;
- 2) Ênfase na preposição necessária; estudo de regência;
- 3) Prática de exercícios que ressaltem as diferenças entre os idiomas.

As orações relativas do PB merecem uma atenção especial no ensino a estrangeiros. Como apontam Kassabgy & Hassan (2000), as relativas são estruturas identificadas como uma das que mais geram problemas para estudantes de língua estrangeira. No caso do estudante árabe de língua portuguesa, a possibilidade da interferência da cópia da relativa do árabe na construção em português deve levar o professor a fazer constantes revisões desse aspecto da gramática, motivando os alunos à escrita.

É necessário considerar também que, nem sempre, é a língua materna que influencia. No caso em questão, as estudantes conhecem a língua inglesa e podem ter sido influenciadas pelas relativas do inglês, uma estrutura que não permite a cópia. Outra questão é o fato de que o estudante de língua estrangeira tem uma atenção excessiva às estruturas da língua alvo; o que pode explicar o resultado nos quais não houve influência da L1.

As relativas foram escolhidas como fenômeno sintático para observação pela sua relevância no ensino e tradução de língua estrangeira (LE). Traços característicos do português não padrão estão presentes na língua árabe como formas previstas nesta gramática, ou seja, o contraste entre esse aspecto sintático desses dois idiomas torna-se interessante, uma vez que se pretendia mostrar que as estruturas usadas na fala e na escrita do PB, não contempladas pela tradição gramatical, são similares às representativas das relativas do árabe padrão. Dessa forma, propôs-se uma pesquisa que promovesse uma reflexão dos resultados desse estudo contrastivo na aprendizagem do português por falantes da língua árabe. Esse estudo poderia contribuir para metodologias de ensino do português para árabes na perspectiva de elaboração futura de materiais didáticos que contemplem estratégias de ensino para dirimir os problemas dos estudantes árabes de língua portuguesa no aspecto sintático mencionado.

Referências Bibliográficas

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. Redigida de acordo com a nova ortografia. 3ª Ed. São Paulo: Houaiss/ PUBLIFOLHA, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, Edição revista e ampliada, 1999.

_____. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, Edição revista e ampliada. Com o Novo Acordo Ortográfico, 2006.

BRUCART, J. M. La Estructura Del Sintagma Nominal: Las Oraciones de Relativo In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org) **Gramática Descriptiva de La Lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 395-522.

CORREIA, V. R. **Oração Relativa: O que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1998.

COWAN, D. **Gramática do árabe Moderno**. Tradução de Safa A.A.C. Jubran. São Paulo: Globo, 2007.

DURÃO, A. B. de A. B. **Análisis de errores e interlingua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. Londrina: Editora UEL, 1999.

ELLIS, R. **The study of the second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

KASSABGY, N.; HASSAN, M. K. Relativization in English and Arabic: A Bidirectional Study. In: IBRAHIM, Z.; KASSABGY, N.; AYDELOTT, S. **Diversity in Language: Contrastive Studies in English and Arabic Applied Linguistics**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000, p. 49-69.

LIMA, E. E.; LUNES, O. F.; SAMIRA, A. **Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros**. São Paulo: E.P.U, 1999.

SILVA, B. G. S. G. da. **O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do *que***. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 2005.

_____. **As estratégias de relativização na escrita de portuguesas dos séculos XVI, XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, 2011.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 273p. Tese (Doutorado) Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983.

VARGENS, J. B. M. et alii. **Português para falantes de árabe**. Rio Bonito (RJ): Almádena, 2007.

Artigo recebido em: 03.04.2016

Artigo aprovado em: 22.07.2016